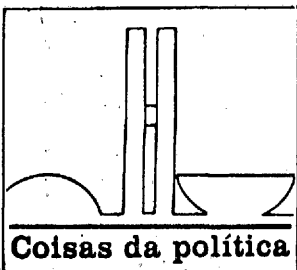


18 JUN 1985

Rascunho do estilo Sarney

O compreensível nervosismo de estéril atrapalhou um pouco uma mais clara e nítida apreensão do que se pode qualificar como o estilo do Presidente José Sarney. Mas, de qualquer modo, as linhas mestras do esboço já puderam ser identificadas na tensa entrevista coletiva de ontem, cronometrada em uma hora justa e com uma saudável e ilimitada liberdade para a formulação das perguntas pelos jornalistas.



Coisas da política

Lá é verdade que ninguém abusou, sequer para testar o tamanho do pavio do Presidente. O tema mais incômodo, que levantou o exame da nova onda de nepotismo que grassa como tiririca por todos os desvãos da República — desde o despistamento togado do Judiciário, até o despudoramento provocante do Legislativo, com trânsito firme pelo Executivo — acabou merecendo uma resposta adocada que se desviou pelas veredas da emoção familiar, com a captação da imagem colorida das contidas lágrimas que orvalharam os grandes olhos da filha Roseana.

No mais, a entrevista foi educada, elegante e mesmo cerimoniosa. Alguns repórteres preferiram, aos riscos do improviso, a leitura da pergunta. E aí, positivamente, não dá. A televisão repele a solenidade do texto ostensivo que passa uma impressão de acertos por baixo do pano e líquida com qualquer pretensão de naturalidade.

Mas são migalhas. A entrevista presidencial confirma uma praxe que o Presidente Tancredo Neves resgatara dos 21 anos de deliberado arquivamento durante o ciclo dos generais. Com uma ou outra fugaz exceção que jamais chegou a fixar um costume.

Parece significativo que Sarney tenha convocado a sua primeira coletiva três meses depois de ter assumido a Presidência, no sufoco da primeira das sete fatais operações do trágico roteiro de erros médicos e azares do Presidente Tancredo Neves. A sugestão é inequívoca: só agora o Presidente começa a se sentir confiante, senhor de informações, com dados memorizados para enfrentar perguntas à queima-roupa. No curso da entrevista, o Presidente, que começou extremamente cuidadoso, escolhendo palavras, soltou-se e andou roçando pelo tom oratório que também não é adequado ao gênero.

Todos os descontos da generosidade devem atenuar os aspectos desfavoráveis, até mesmo porque não andamos em condições de esbanjar o que possa escorar as nossas esperanças. E, de logo, recomenda-se que não se tentem comparações com o Presidente Tancredo

Neves. O confronto é injusto. Tancredo era um mestre na arte da entrevista, com todas as graças da fluência coloquial entremeadas com estocadas finas da ironia. Depois, Tancredo está, e para sempre, preservado de todo o desgaste.

O estilo Sarney insinuou alguns traços que reclamam a agilidade da atenção aguçada e pronta para a absorção de informações que são jogadas sem nenhuma ênfase e como que escondidas no buquê de frases elaboradas.

É como que um desafio à competência dos repórteres e o convite a um tipo de entrevista no modelo das negações do gato com o camundongo. Pela TV e pelo rádio, a entrevista pode ter sido frustrante. Para o profissional alerta, o Presidente deixou escapar, como quem não quer escorregar em leviandade, várias informações importantes. Como, por exemplo, a notícia de que a dívida interna, depois de recalculada com novos dados e mais honrados computadores, saltou da bagatela de Cr\$ 85 trilhões para a tonteira de Cr\$ 104 trilhões. Num segundo, a dívida que nos engasga engordou Cr\$ 19 trilhões, no confronto entre os dados que o Ministro Francisco Dorneles recitou da tribuna da Câmara e os que o Presidente deixou escapar ao responder a um perplexo jornalista.

Não foi só. Se Sarney aproveitou a excelente ocasião para uma longa e tranquilizadora colocação da exata postura do Governo no encaminhamento da proposta de reforma agrária, também pingou uma advertência ao ministério e seus arrabaldes. Claro, quando Sarney ressalva o óbvio de que não pretende reformar politicamente o ministério mas que substituirá todas as peças que não se entrossem com o seu jeito de decidir está atirando carapuças ao vento e algumas com direção certa. Em linguagem direta, o Presidente anunciou que vai bolir no ministério para ajustá-lo às suas exigências de alta eficiência administrativa.

Talvez a informação mais grave tenha sido a confirmação de que o Governo já definiu uma estratégia para renegociação da dívida externa e que esta parte da determinação de não se submeter a imposições do FMI ou dos bancos credores que impliquem a recessão, o desemprego, a fome e a convulsão social. O Brasil não pagará o que não pode pagar. O Presidente esquivou-se quando convidado a definir o limite do fôlego do País. Mas este é um segredo furado. O Governo não admite pagar mais de 9 bilhões de dólares anuais de juros e serviços da dívida. E os nossos compromissos estão nas alturas dos 13 bilhões de dólares anuais. O recado presidencial foi claro e duro e, a esta altura, já deve ter alcançado os quatro cantos do mundo dos nossos credores implacáveis.

VILLAS-BÔAS CORRÊA

Repórter político do JORNAL DO BRASIL